

Como um aperto de mão

Paulo Franchetti

I.

Eu deveria poder contar uma história. Qualquer uma. De preferência, a minha história. Mas poderia também ser uma história qualquer. Um pedaço de história. Alguma coisa que eu tenha lido e agora pudesse apresentar como a minha história.

Enquanto a noite prossegue, fico sentado na sala, olhando para o aparelho de som, a TV, o tapete. Conheço cada pedaço do tapete, as suas manchas pontuais, os pedaços onde o tecido começa a se esgarçar. Conheço também a estante, os riscos na frente do amplificador, os CDs que dormem em pé, dia após dia, inúteis e quietos. E os dois quadros.

Quando apanho este caderno, as palavras me fogem. Era uma história, um esboço. Quando a caneta fica em pé sobre a página e a ponta está em posição de começar a compor uma letra após a outra, a idéia se evapora, ou se exhibe ridícula: um Lázaro com as faixas sujas da morte sobre o corpo exposto ao sol. Mas aqui não há ressurreição. Só as faixas restam, sem corpo dentro. Uma múmia oca.

Noite após noite, a cena se repete: os olhos se movem de um objeto para outro. O sono desce do teto, envolve a cabeça pesada que se curva e ergue e de novo se curva. Sacudindo-a, apanho a caderneta, a lapiseira e tento registrar a associação rápida, aquilo que passou entre a vigília e o sono: peixes, pesados e cobertos de limo, no escuro do fundo, sob o espelho da água.

Quando a noite avança, o silêncio começa a incomodar. As vozes da rua, o ruído dos pneus sobre o lajedo, os restos do sono da cidade, tudo desaparece e começo a ouvir o ruído da rodovia ao longe, a vibração difusa. Junto à janela, a

cidade se espalma. À distância, as luzes amareladas tremem. A colina que se ergue, termina na barreira de nuvens. O vento sopra frio.

Uma história poderia resgatar as noites brancas, de luz acesa e sono ralo. Um recém-nascido recuperado do lixo, um indigente do frio do banco da praça. Poderia dar um sentido a elas, compondo um desenho viável. Um abrigo, um lar.

Mas a melhor seria a que mostrasse o que tenho sido, o que fui, e porque não pude evitar ser o que sou. Não interessaria a ninguém, por certo. Não respondo por um crime notável, nem redimi parte alguma da humanidade. Mas interessaria a mim e a talvez duas pessoas que ainda se lembram de mim, na data do meu aniversário ou da morte dos meus pais.

Seria um tédio, porém. A infância poeirenta, a adolescência presunçosa, o meio da vida se estendendo sob o céu de verão, a doença, o apagar da persistência, o mergulho no álcool, a cura, o desânimo, o sentar-se aqui todas as noites, há vários anos, até o sono chegar e me carregar para o outro dia.

Por que escreveria isso? Por que alguém se interessaria, mesmo aquelas duas pessoas que vez por outra telefonam, por uma história assim? Nem mesmo a história da infelicidade teria interesse. O mundo está cheio de homens e mulheres que se conhecem, se aproximam, misturam os líquidos do corpo, se separam. Está cheio de coisas mortas ou desfeitas. Que ela se tenha matado é uma originalidade relativa. Todos os dias nos matamos de formas várias. E tanto faz, enfim, que a morte do corpo seja voluntária ou fruto do acidente.

Eu poderia pensar que fui escolhido. De fato, assim pensei durante o tempo maior da angústia. Ter sido escolhido para não dar certo é um consolo. A mão de Deus pousa sobre a testa, doura o alto da cabeça escolhida. O sacrifício distingue. Redime.

Depois, nada acontece. A infelicidade é um osso roído por um cão sem dentes. Um velho cão. A baba escorre em volta do núcleo duro e morto. O osso permanece ali, o cão também permanece. Pode-se rir daquilo, ou compadecer-se. Mas resolveria apanhar um martelo e reduzir o osso a um punhado de lascas? O cão sem dentes poderia fazer algo com elas? Não seria melhor deixá-lo babando,

na ilusão de que conseguiria enfim, com persistência, furar a capa dura e lambar o tutano do miolo?

Até que um dia o cão desiste. A baba se solidificou, o osso resistiu e o cão o enterra para um momento futuro, que nunca terá lugar. As criaturas minúsculas da terra comerão por fim tudo: osso e baba e desejo e lembrança e odor de coisa enterrada. E por fim também irão devorar a velha máquina desejante, banguela, acometida de mil dores até o momento da morte.

Mas deliro, eu mesmo, com essas imagens. Não consigo escrever a história, penso. Mas consigo rondar o seu núcleo duro e escondido. Consigo tecer uma coroa de flores apodrecidas, em volta da memória de um momento. É ainda uma forma de negar. Se eu tivesse coragem, pensaria agora se não cheguei a acreditar. Se não suspeitei que tinha sido escolhido pelo direito, antes de apostar todas as fichas em que o teria sido pelo avesso.

II.

Mesmo que não seja uma história. O que poderia ter sido uma. Aquela parte inapreensível de uma pequena história já me deixaria menos vazio. As noites e os dias, se girassem à volta de algum diminuto centro luminoso, formariam um sistema, um conjunto e não uma sucessão de corpos soltos pelo espaço.

Mas aquela parte inapreensível tinha um nome noturno, um gesto noturno, uma preferência pelas cores escuras. Que digo? Faço, na verdade, uma imagem pobre. E errada. Terá sido talvez assim no tempo que precedeu o desfecho. Mas nem sempre foi assim. E não tenho o direito de fingir que tenha sido.

Mas também não sei o que dizer da sombra que nos envolveu depois de pouco tempo, do peso do ódio que se condensava como gelatina, em volta de cada um de nós, no espaço deste apartamento. Como se terá formado? De que maneira pôde ter se solidificado assim, que energia teria exigido de mim, ou dela, para ser rompida?

Lembro-me sempre dos últimos dias, mas devia lembrar-me dos primeiros. Devia haver um lugar para a coleção das formas dos corpos, da luz da madrugada de verão na pele, do frescor do amanhecer erguendo as pequenas esferas na base dos pêlos, da cor revelada nos cabelos e nas dobras do corpo, quando a luz inundava o quarto e o calor aflagava o sono, animava a fome e movimentava o sangue nas veias, o coração batendo como um cachorro late com a chegada do dono. Tento falar disso, mas não termina por ser real. Não consigo fixar a imagem do amanhecer e do anoitecer juntos, embora as partes do corpo tenham concretude. Teriam, talvez, se lidas ou ouvidas ou imaginadas, na boca de outro.

Mas houve os primeiros dias. E houve, de alguma forma, o êxtase. O que se impõe, porém, à lembrança é pouco e breve. E se compõe também de noites frias, noites geladas e ainda daquelas, já maduras, nas quais o cheiro do jasmim era tão forte que dava vontade de vomitar, de fugir ao apelo indecente que emanava das flores brancas, entrevistadas pela janela do quarto.

Ela poderia ter dito alguma coisa antes. Teríamos conversado, encontrado um caminho de contemporização. Quanto a mim, não penso que a lembrança sonogada dos primeiros dias tenha algo a ver com o desfecho. Ela insistiu nisso, na única conversa sobre o assunto. Tínhamos visto Deus, ela dizia. Talvez fosse já a febre. Talvez fosse apenas o gosto do exagero, que foi a primeira coisa que me atraiu a atenção, quando a conheci. O gosto do drama, a aposta alta, a fome que a animava.

Não sei o que queria dizer. Que Deus teríamos visto. Ela o vira, talvez, sozinha, enquanto estava comigo. Ou enquanto estava, por meu intermédio, sozinha consigo mesma.

Mas de qualquer maneira me senti culpado quando aconteceu. Como se eu a tivesse deixado sozinha na frente dEle. Tivesse recuado, quando os grandes olhos se abriram para nos fitar. Teria sido isso? Alguma íntima covardia? Seria disso que me acusava com o olhar quieto, ao longo das duas semanas finais?

É provável que tenha havido algo que não entendo. Que eu não tenha conseguido querer mais. Que tenha recuado, buscado um ponto de equilíbrio um

degrau ou dois abaixo daquele patamar– talvez muitos degraus abaixo, na verdade.

E poderia ser diferente, se foi assim?

Meu coração dispara quando escrevo essas palavras, como se sob elas houvesse alguma coisa pulsando, ditando o ritmo que me domina agora.

Tudo o que me ocorre é a conversa no sofá. Estou ali argumentando pelo que tem de ser feito. Mas não sei o que digo. Ela me olha, mas não consigo reproduzir o sentido do olhar que me dirige. Numa fotografia velha ou contra a luz, apenas o contorno é visível. Diferentemente de uma fotografia, porém, é muito claro ali o tom e o rumo da cena. Ela me olha: uma Ofélia afogada no poço da decepção.

Depois, uma série de imagens sem sentido: o prato de feijão, os jornais – pilhas de jornais, do chão até o teto, crescendo desmesuradamente, atravessando o piso do apartamento de cima, estendendo-se até consumir-se na distância –, o brilho azulado da tela da TV, os ecos da música esparsa, que cessava mal eu punha o pé na soleira da porta.

Por fim, a noite negra, um paralelepípedo estendendo-se para fora da janela da sala, uma boca de sombra cantando as sedutoras canções da fuga, do descanso, do sonho sem limite.

Lembro-me também de quando voltei, da notícia, do tremor que caiu sobre mim, o frio.

Depois, só me vêm à mente as noites nesta sala. A sucessão delas, nas quais os copos cederam lugar ao olhar para o ponto fixo na estante e, nos últimos meses, à obsessão da caderneta.

Não sei o que deveria ter feito. Mas algo eu deveria ter feito. Se ao menos pudesse contar uma história, pôr em seqüência os pedaços que flutuam no ar escuro da noite, teria por onde começar a obra de redenção. Teria um caminho para mobilizar a energia do perdão, um fio de colar, unindo os fragmentos luminosos como vidrilhos aos pedaços de pedra suja, como a expelida pelos rins, até que ele, o meu perdão, me envolvesse, acalentasse a minha cabeça e a luz e o calor daqueles primeiros dias me fizessem outra vez dormir outra vez, em paz.

Paulo Franchetti é professor titular do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É mestre em Teoria Literária pela Unicamp (1981), doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1992) e Livre-Docente pela Unicamp (1999). Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Brasileira dos séculos XIX e XX e Literatura Portuguesa do século XIX. Desde 2002, dirige a Editora da Unicamp, cujo Conselho Editorial preside. É autor, entre outros, de ***Alguns Aspectos da Teoria da Poesia Concreta*** (Editora da Unicamp, 1989); ***Haikai – Antologia e História*** (Editora da Unicamp, 1990); ***Nostalgia, Exílio e Melancolia – Leituras de Camilo Pessanha*** (Edusp, 2001); ***Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*** (Ateliê Editorial, 2007); ***Oeste/Nishi*** (haicais, Atliê Editorial, 2008).